

**DO POLIDRELLI AOS ANOS 2000: UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPAÇO DE
ONTEM E HOJE NO BAIRRO DE PETRÓPOLIS, EM NATAL/RN**

Autor: Frederico Augusto Luna Tavares
Mestrando pelo PPGH-UFRN
augustoluna@hotmail.com
Co-autor: Saul Estevam Fernandes
Graduado em História - UFRN
estevamcg@hotmail.com

“Há dias passados, fiz um passeio sismarento e longo pelas velhas ruas de Natal. Tanta casa silenciosa rompendo a mudez para gritar-me nomes e erguer figuras idas no pretérito”. Câmara Cascudo, Anedotas (1928)

INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade do Natal passava a conviver com benefícios tecnológicos que mudaram de vez a configuração urbana da cidade e, com eles, as relações dos seus moradores com os espaços públicos e privados, e com seus pares. “A linha do bonde elétrico, chegando ao Monte Petrópolis e continuando, depois de 1926, ao longo da avenida Atlântica até o seu término, bem como a sua extensão até o Aero club, no limite da cidade, atraiu os natalenses para os novos bairros Petrópolis e Tirol (...)”¹. Esses bairros nasceram da primeira grande intervenção no espaço urbano da cidade, realizada nos primeiros anos do século XX - uma efetivação de propostas de higienização da cidade prevendo a construção de novos logradouros e espaços, vislumbrados do ponto de vista da salubridade.

Marcada pela influência parisiense que simbolizava o que havia de mais atual na Europa, em Natal, alguns fatores foram determinantes para tanta mudança, como a chegada da luz elétrica, a substituição do bonde puxado a cavalo pelo de tração elétrica, a construção de praças, a pavimentação, o calçamento e o alargamento de ruas, os pequenos concertos ao ar livre na recém-construída praça Augusto Severo, na Ribeira,

¹ ARRAIS, Raimundo, ANDRADE, Alenuska, MARINHO, Márcia. O Corpo e a Alma da Cidade: Natal entre 1900 e 1930. Natal, RN: EDUFRN, 2008. P.111.

as primeiras intervenções urbanísticas, dentre outras melhorias que traziam um ar moderno, europeu, civilizado, para Natal.

No início dos anos 1900, a moradia e o comércio em Natal concentravam-se, respectivamente, nos dois principais bairros: a Cidade Alta e a Ribeira. Porém, um dos fatores que desagradavam parte dos moradores, representantes de uma elite intelectual e política no Estado eram a disposição das casas. Estreitas e compridas, elas comprimiam-se umas às outras e não obedeciam a um traçado linear, organizado, numa época em que os conhecimentos científicos que por aqui chegavam questionavam tal configuração urbana, além de toda uma ligação com o passado atrasado, colonial.

Alguns aquinhoados moradores da Cidade Alta, viajados e politizados, passaram a sintetizar o pensamento e as ações desta parte da população, que já vivia sob o período de poder administrativo notadamente conhecido como a oligarquia Albuquerque Maranhão. Com ela, a cidade do Natal deu um importante passo para seu crescimento, elegendo como uma de suas principais realizações a criação de um novo espaço que seria, assim, conhecido como o terceiro bairro: a Cidade Nova. Esta nova cidade foi contemplada com diversas melhorias estruturais, recebeu moradores e profissionais liberais em suas quintas, viu a passagem dos jeeps e caminhões dos pracinhas americanos (e brasileiros) na Segunda Guerra Mundial pela nova “pista”, os bares e clubes, encontros e desencontros que foram se desenrolando com o passar dos anos, conforme Natal ia crescendo e as informações que por aqui chegaram contribuíram para este desenvolvimento.

E é justamente esta área de traçado planejado, com 164,85 hectares que, desde a sua criação, vem sofrendo modificações estruturais e contribuindo para o surgimento de novos serviços, de lazer e um reordenamento nas relações sociais. Até os dias atuais. Neste trabalho, buscamos diferentes momentos da Cidade Nova: a sua criação, mais o significado da Segunda Guerra Mundial para a cidade como um todo, e utilizamos de uma ficção e entrevista oral para reconstruir momentos pelos quais passaram o atual bairro de Petrópolis, em Natal.

1. PLANOS E MESTRES: UM NOVO BAIRRO PARA UMA RICA GENTE

Imaginar como se deu todo um processo de transformações pelas quais passaram os bairros que compõem a Cidade Nova (pouco tempo depois de criado, incluiu-se, também o bairro de Tirol), é relembrar todo um pensamento recorrente no início das primeiras décadas do século XX, quando a elite política do Estado queria a todo custo afastar a idéia de atraso que pairava sobre a Natal de então. Baseado neste fato geral, a primeira gestão de Alberto Maranhão, no quadriênio 1901 a 1904, implementou o Plano Polidrelli, que traçou o primeiro enxadrezamento da Cidade Nova. Nascia, assim, sob a assinatura tecnológica, um bairro organizado, longe da insalubridade, das epidemias, dos miasmas, do mau cheiro do mangue; segundo acreditava esta elite, uma nova era que se contrapunha ao atraso. Posteriormente, o agrimensor italiano Giácomo Palumbo reordenou esteticamente o bairro – através do *Master Plan* – em 1929, na administração do Intendente Omar O’Grady, ficando mais com a fama de inovador do que seu compatriota Polidrelli,

Sob a tutela de Alberto Maranhão, e seguindo um pensamento europeu à época, que propagava um bem-morar livre da insalubridade, os novos hábitos de higiene e a relação com a natureza eram essenciais para se prevenir de males característicos das habitações típicas da Cidade Alta (e do bairro, como um todo) em Natal. De acordo com o historiador Ricardo José Vilar da Costa², “No local em que se estabeleceu o bairro Cidade Nova também, além de formas de vida atreladas a um modelo "moderno", surgiram outros elementos de capitalismo típico das cidades. A formação de um mercado específico para a questão da compra e venda de casas é muito significativa para compreendermos que esse lugar da cidade destacou-se do ponto de vista imobiliário. Isso se deveu certamente ao fato de seu prestígio e padrões de vida diferenciados, os quais foram se formando desde o início do século XX” (página 93).

2. OS USOS DE UMA GUERRA

² Habitação e Modernização: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX” (Dissertação PPGH, UFRN, agosto de 2008).

A capital potiguar só deu sinais de um crescimento geográfico realmente pujante após a Segunda Guerra Mundial. O Estado (também) pobre, sem indústria, deu sua mãozinha para dirimir este quadro: os minérios utilizados na fabricação de armas e artefatos mediante a utilização do tungstênio, foram o começo de uma mudança considerável, na melhoria da infra-estrutura e das condições econômicas do RN. A vinda dos pracinhas estadunidenses e as construções das bases militares alteraram os costumes locais e implementaram diversos e inéditos serviços na pequena capital. Edmilson Lopes Jr. conta-nos que “A Parnamirim Road ou simplesmente ‘a pista’, como denominaram os natalenses da época, ainda é a principal ligação entre o aeroporto Salgado Filho e o centro de Natal. As vias de acesso ligando a Parnamirim Road (atual avenida Salgado Filho) com diversos pontos da cidade, especialmente unidades militares, desenharam a malha viária da cidade e moldaram a estrutura do desenvolvimento urbano de Natal nas décadas seguintes”³. Também fazem parte desta época os clubes específicos para os oficiais estrangeiros (os USO’S), novos bares e ritmos musicais. “Com a Segunda Guerra Mundial, o setor da economia que mais cresceu na Cidade do Natal foi o comércio”⁴. A cidade também já vivia a euforia dos programas de auditório de rádio, cinemas, clubes, teatro, a praia tornava-se cada vez mais sendo utilizadas pelos natalenses. Petrópolis teria alguns destes locais de tertúlia e diversão unissex que existem até os dias atuais, como o Aero Clube (cuja inauguração oficial remonta a 1928).

Ao estímulo da presença de tanta gente nova na cidade que veio para a capital potiguar em busca de aproveitar tais condições econômicas – os soldados americanos e brasileiros - somaram-se novos costumes que foram incorporados à população local. A população da cidade também aumentou com a chegada dos muitos migrantes que vieram trabalhar em obras de infra-estrutura e serviços. Assim, era o momento da cidade acabar com sua realidade provinciana e se vestir de outras modernidades. Por

³ JR. Edmilson Lopes. A Construção Social da Cidade do Prazer. Natal. Tese. Publicações UFRN.

⁴ PAIVA, Giovana. A Cidade e a Guerra: As transformações urbanas e a militarização da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial. P. 221. Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. UFPE. 2008.

isto não poderíamos deixar de registrar este momento da cidade e, por consequência, de Petrópolis.

Para Vilar (Id. p.138) “As mudanças de âmbito urbano demonstram um fato interessante sobre as pesquisas que se voltam para Natal nas décadas de 1910 a 1930: houve grandes alterações nos modos de vida antes da década de 1940, que foi o momento no qual os Aliados instalaram bases militares na cidade e isso trouxe uma nova onda modernizadora para Natal. O mercado de imóveis que se constituiria forte na região, iniciara-se antes da chegada dos estadunidenses”. Em Petrópolis não seria diferente.

3 – UMA NOVA CIDADE NOVA

O traçado urbano projetado de Natal seguiu este crescimento, caracterizando-se como o novo ideal de qualidade de vida voltada exclusivamente para a elite, que “merecia” sentir os ventos marinhos, andar em ruas e avenidas largas e retilíneas, planejadas para receber os moradores que se apertavam nas casas da Cidade Alta. Petrópolis e Tirol, frutos dos planos Polidrelli e Palumbo são, até os dias de hoje, símbolos de uma nova forma de se usar a cidade, de prepará-la para um futuro que se baseava nos bons usufrutos daquele presente.

Quadro – A progressão populacional de Natal 1900/1990

Censo	População	% de Crescimento	% sobre o total do RN
1900	16.059		5,58
1920	30.696	91,1	5,71
1940	54.836	78,6	7,14
1950	103.215	88,2	10,66
1960	162.537	57,5	14,56
1970	264.379	62,7	16,59
1980	416.898	57,7	21,96

1991

606.541

45,5

25,13

Fonte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (In: FERREIRA, Ângela).⁵

A cidade teve um crescimento populacional a olhos vistos. Esses lugares experienciados, como bem diz Tuan, podem ser exemplificados, por exemplo, pelo contato com os traçados das vias, mediante os novos serviços que são oferecidos no bairro. Não podemos esquecer, também, do grande contingente de pessoas que andam a pé, seja por motivos como não possuir automóveis ou por opção ou lazer (o tradicional *footing*), contribuindo para que as experiências sejam frequentemente restabelecidas, (re)conhecidas, usadas, (a)firmadas.

A Petrópolis atual ainda mantém algumas casas construídas após a II Guerra Mundial, cujo crescimento em lotes foram fomentados por programas governamentais. Mas as mudanças são percebidas pelo grande número de clínicas, butiques de luxo, hospitais, universidade, cursos de idiomas, agências bancárias, bares, restaurantes, farmácias, bistrôs, galerias, lojas de diversos tipos, boates, hotéis, apartamentos e flats, que continuam a fazer de Petrópolis um bairro em constante mutação.

De certo modo, estes usos permitiram uma maior utilização do seu traçado, das suas ruas. As pessoas, sendo moradoras de lá, ou não, resolvem boa parte de suas vidas, de seus afazeres, ali mesmo. Andam a pé muitas vezes. Assim, outro teórico que nos baliza neste múltiplo olhar, misto de curiosidade e compreensão, quando privilegamos o bairro como um tímido objeto de análise deste trabalho, é Pierre Mayol. Para ele, caminhar, vivenciar o espaço (agora com a categoria *tempo*) do bairro “surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele *a pé saindo de sua casa*. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma *caminhada*, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco

⁵ FERREIRA, Angela Lúcia A.. De la producción del espacio urbano a la creación de territorios en la ciudad. Un estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 2000. P.98.

significada pelo seu vínculo orgânico com a residência”⁶. O ordenamento de Petrópolis, de suas ruas enxadrezadas à moda europeia, desde sua criação até os dias atuais, nos permite viver tal experiência.

As inovações pelas quais passava a cidade e seus cidadãos podem ser imaginadas nesta ficção, que traduz – com ressalvas às generalizações das vivências particulares, efetivamente – como se formata e se usa, mormente, o espaço. Para não fugir da localização, mantivemos como recorte geográfico o bairro de Petrópolis, como era e como poderemos reconhecê-lo nos dias atuais.

“Década de 1980, março, calor causticante. Horizonte limpo, anil. Treze horas. Jonas saía de casa, na Praça das Flores, em direção ao Colégio Imaculada Conceição, na avenida Deodoro da Fonseca. Pelo trajeto que seguia, viam-se casas antigas e alguns palacetes. Não muito distante, os edifícios começavam a saltar do chão na avenida Getúlio Vargas, ali, onde ainda hoje chamam “balaustrada”, numa alusão à famosa mureta. O único shopping famoso era, na verdade, um centro comercial, o CCAB Petrópolis, com suas lojas de grifes juvenis, sanduicherias, jogos eletrônicos dos recentes vídeo games, locadoras de fitas videocassete, salões de beleza, lanchonetes, templos de cocotinhas e garotões.

Redemocratização, eleições, a rivalidade Alves e Maia à toda, o surgimento de novos shoppings centers não mais no centro da cidade, condomínios chiques pululam ao lado de bairros populares, hotéis e pousadas brigam por uma vista do mar, apartamentos high-tech inflacionam um mercado para poucos. Muitos automóveis nas ruas, os serviços se multiplicam, multinacionais chegam à cidade.

Final da primeira década de 2000. Jonas, morador de Petrópolis, observa o aumento da quantidade de carros, lojas, fachadas mediterrâneas, flanelinhas. Casas antigas ainda existem. Jonas vê algumas árvores serem cortadas para darem vista a mais um letreiro de clínica médica. O curso de inglês virou um hospital. Jonas adora correr, praticar, como dizem, o “jogging”, e o faz à noite.

Adora o cheiro das castanhas maduras no chão. Sente o ventinho que escoar entre as edificações. Abre os braços, sozinho, e tenta ouvir o silêncio. O silêncio de um

⁶ (CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar. Mayol. Primeira Parte: Morar. Petrópolis, RJ: Vozes, 4ª Edição. 1996. P.41)

bairro inspirado nas cidades jardins dos europeus, tendo como exemplo principal a cidade de Paris”.

A experiência vivida ficticiamente por Jonas não difere muito de quem transita pelo bairro. Esta relação, particular de cada um, vai além do coletivo. A possibilidade de se andar pelas ruas, escolher o seu trajeto, de usufruir desta liberdade pode ser sentida num bairro, espaço que constrói a cidade. Seguindo esta linha de pensamento, Tuan nos lembra que: “O espaço é experienciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, mudando de um lugar para outro, a pessoa adquire um sentido de direção. Para frente, para trás e para os lados são diferenciados pela experiência, isto é, conhecidos subconscientemente no ato de movimentar-se. O espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona”⁷. É este espaço experienciado pelo personagem, ou, por nós mesmos no bairro, no dia-a-dia, que nos dá esta direção e esta possibilidade de materializar este pensamento com a realidade do espaço geográfico-urbano elegido localmente. “Por isso o espaço pode ser experienciado de várias maneiras: como a localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e — mais abstratamente — como a área definida por uma rede de lugares”⁸.

Petrópolis, hoje, é um bairro movimentado durante o dia, mas que é praticamente deserto durante a noite, fato este só modificado pelos bares e restaurantes, que são freqüentados por toda a gente da cidade, não só pelos petropolitanos que se movimentam e experienciam seu espaço. Este mesmo espaço que hoje passa por transformações espaciais, em que as residências dão lugar a clínicas, butiques de luxo e outros segmentos comerciais, foi um dia o sonho de uma elite natalense, quando Rio Grande do Norte suspirava seus últimos ares coloniais e se apresenta ao mundo sob os olhos da política internacional como o Trampolim da Vitória, na II Guerra Mundial.

Para ilustrar esta experiência, entrevistamos o boliviano Jorge Pastor Vargas Soliz⁹, de 73 anos. Ele veio morar em Natal em 1963, recém-formado em Engenharia e Arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco. Na capital potiguar, seu

⁷ TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar – A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. P. 13

⁸ Id. P. 14

⁹ Entrevista concedida a Frederico Luna, na casa do entrevistado, localizada na rua Seridó, 720, Petrópolis, Natal, na tarde do dia 17 de maio de 2008.

primeiro porto foi o hotel América, situado na avenida Rio Branco, entre as ruas Ulisses Caldas e João Pessoa. De lá, mudou-se de vez para o bairro vizinho. Morador de Petrópolis há 44 anos, ele e sua família – filhos e neta - ocupam um sobrado multifamiliar.

A escolha do lugar onde fixou residência foi motivada pela proximidade com o local de trabalho, o órgão estadual Serviço Cooperativo do Rio Grande do Norte – SECERN, que estava localizado na esquina das ruas Trairi com Campos Sales, distante 450 metros de sua casa. Para Tuan (Id. Pág 218), “O espaço também tem significado temporal ao nível das experiências pessoais do dia-a-dia. A própria linguagem revela a íntima conexão entre pessoa, espaço e tempo”. Mas, no decorrer da entrevista, há de se perceber controvérsias quanto às questões até aqui tratadas, que não são corroboradas pelo entrevistado.

A capital do Estado nas lembranças em depoimento do arquiteto (que trabalha no Tribunal de Contas do Estado):

“A Natal na época de 1963 a 1970 era uma cidade muito tranqüila, poucos carros transitavam pelas ruas, o transporte coletivo era muito deficiente, o meio mais eficiente para se deslocar era o táxi. Petrópolis que era considerado distante do centro da cidade, não tinha iluminação nem ruas calçadas. Tudo era de terra e que em dia de chuva eu tinha que usar a lanterna e tirar os sapatos para chegar até onde moro atualmente. A praça que atualmente é “Praça das Flores”, servia de pastagem para todo tipo de animal, era toda escura”.

Jorge, ainda revela que:

“Em termos de infra-estrutura era muito deficiente. Os bairros que tinham calçamento eram Tirol, Centro e Ribeira, os demais eram um barro só, iluminação e esgoto idem. Onde atualmente existe uma série de edifícios construídos pela Construtora Ecocil -, de nome de vários presidentes dos Estados Unidos, e do condomínio Luciano Barros -, era a Associação Brasil- Estados Unidos, mudando totalmente a geografia do bairro de Petrópolis”

A exemplo do nosso entrevistado, percebe-se que se alternam “boas e más lembranças”, justificativas, e histórias que fizeram – e fazem – parte de momentos de crescimento e investimentos na capital. Contudo, é interessante não deixar de perceber as relações das pessoas, as trocas, o dia-a-dia, as tensões, a presença da tecnologia, onde se desenvolve o “progresso” com base num “futuro” dinâmico, mutável, misturando a província à metrópole (e vice-versa), imbricando o espaço em que se vive. Segundo Vargas, quando foi morar em Petrópolis, ele disse conhecer quase todos os moradores do bairro; hoje, uns mudaram de endereço, outros já faleceram. Numa comparação, nos revela Mayol ¹⁰, que exemplificando a Croix-Rousse, em Lion, França: “Passando pelas ruas, percebia-se o rejuvenescimento no decorrer do tempo. As antigas mercearias ou as lojas de artesãos, os antigos bistròs (barzinhos), se transformavam em livrarias, galerias ou estúdios, ou então em teatros ou outros locais de espetáculos ao vivo”.

Os divertimentos, as sociabilidades, são lembradas com outras referências de lazer da cidade, cuja freqüência era formada por uma clientela composta pela gente abastada, a elite local. Na Petrópolis de quatro décadas atrás, era “top” ir ao Clube do ABC, ao restaurante Xique-Xique, à Associação Brasil – Estados Unidos, e os jogos de ginástica, voleibol e futebol de salão no ginásio do colégio Ateneu Norte-rio-grandense.

¹⁰ Ibid. P. 102.

Ouvir os sinais, transitar pelos lugares, ser incógnito ou não, perceber as transformações urbanas que saltam aos nossos olhos, escolher nossos passos, acompanhar e viver a história. Assim buscamos, novamente, o pensamento de Tuan: “Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuanças. Preocupar-se com eles mesmos momentaneamente é reconhecer a sua realidade e valor”¹¹.

As constantes transformações da cidade do Natal, seu vertiginoso aumento populacional e as constantes transformações sociais e do uso do espaço urbano, moderna de uma Belle Époque – mesmo que tardia, da Segunda Guerra Mundial e suas influências nos hábitos e investimentos na construção civil, na pluralidade dos serviços, na grande quantidade de pessoas que aqui vieram se estabelecer, nos apresenta uma história feita de pessoas que tem liberdade de transitar, se divertir, de caminhar, de correr, de ir e vir. Que fazem suas fronteiras. Que usam os espaços como se fossem seus corpos, donos de si, aríetes de descobertas, de novos velhos espaços.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Raimundo, ANDRADE, Alenuska, MARINHO, Márcia. **O Corpo e a Alma da Cidade: Natal entre 1900 e 1930**. Natal, RN: EDUFRN, 2008.

CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil: 1870-1950**. São Carlos: RIMA, 2004.

COSTA, Ricardo J. Vilar da. **Habitação e Modernização: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX**. Dissertação. Natal/RN, 2008.

¹¹ Ibid. P. 20.

FERREIRA, Angela Lúcia A.. **De la producción del espacio urbano a la creación de territorios en la ciudad. Un estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil.** Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 2000.

FERREIRA, Ângela Lúcia de A. et All. **Uma Cidade São e Bela: a trajetória do saneamento de Natal – 1850 e 1969.** Natal: IAB/RN; CREA/RN, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha. Quatro visões da literatura inglesa.** São Paulo: Cia. das Letras, 2004,

JR. Edmilson Lopes. **A Construção Social da Cidade do Prazer.** Tese. Publicações UFRN.

MAYOL, Pierre. In: CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Primeira Parte: Morar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 4ª Edição. 1996.

PAIVA, Giovana. **A Cidade e a Guerra: As transformações urbanas e a militarização da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial.** Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. UFPE. 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. In **Cultura e Territorialidades Urbanas – Uma Abordagem da Pequena Cidade.** Joseli Maria Silva. Revista de História Regional. v. 5. n. 2., 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.